

Suplemento Cultural

Canto de Amor a Campo Grande

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

*Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha
Casimiro de Abreu*

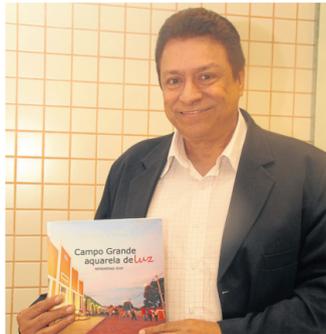
Foi o amor que fez Américo Calheiros compor uma das mais belas e sinceras odes à Cidade, que adotou como berço e na qual constrói uma vida inteiramente dedicada ao engrandecimento e à valorização de seus encantos.

Para ele, Campo Grande não é um ser abstrato feito de pedras, cimento e cal, mas o porto de conquistas renovadas, o abrigo dos sonhos, que o conforta nos momentos de tristeza e contradição.

Gerada por mineiros, amamentada por árabes e japoneses, alimentada por gente de todos os recantos do Brasil, tornou-se para ele o lugar único e insubstituível, que escolheu para construir o império dos sonhos ao qual acrescentou a sinceridade do discurso, desde o momento em que se tomou mais um dos caminhantes da “estrada de pó e de esperança”, transformada por ele em um sistema de cores, luzes, desenvolvimento tecnológico.

Para celebrar o campo semântico das lembranças de uma vida de sonhos, que viraram realidade, produziu a mais completa obra sobre Campo Grande, tecendo em prosa e verso as marcas geniais de uma paisagem simbólica na qual a liberdade é a força motriz de uma cidade que cresce com a força da água.

De repente, a leitura nos transforma em sujeitos da obra ao participarmos da longa viagem marcada por cores, sabores, cheiros, com o verde invadindo o olhar encantado com a beleza dos ipês,



AMÉRICO CALHEIROS – Presidente da Fundação de Cultura-MS (FCMS)

o céu de pintura, as araras assanhadas. Um ambiente de sonho acompanha nosso interesse crescente pelo desenrolar mágico de um filme em 3D que a sucessão das coloridas fotos de Rachid Waqued transformou.

Desde o primeiro capítulo de *Campo Grande: Aquarela de Luz – Patrimônio Vivo*, Américo volta às origens, ao fazer do tempo o denominador comum da construção de uma obra que vai revelando, a partir da fundação, os traços distintivos da cidade, salientados na chegada do trem como uma das alavancas do progresso.

Os versos fluem no ritmo das lembranças, crescendo na proporção da chegada dos migrantes, na instalação do progresso, tudo construído em ritmo febril.

Concreto e abstrato unem-se na descrição de pontos importantes da cidade, como o Horto Florestal, a Casa do Artesão. O *glamour* da Rua 14 de Julho, “artéria brilhante” no coração desta História que resiste à modernização dos *shoppings* e continua “em pé na es-

“

Os versos fluem no ritmo das lembranças, crescendo na proporção da chegada dos migrantes, na instalação do progresso, tudo construído em ritmo febril”

trada”, é um dos destaques do poema em que palavras viram signos de musicalidade.

Batalhador incansável do desenvolvimento cultural deste Estado, Américo destaca, na descrição das praças e mercados, a união dos migrantes como responsável pela produção de frutos e receitas alimentares, que nada ficam a dever à culinária dos habitantes do Norte e Nordeste.

Fruto de exaustiva pesquisa, as ruas merecem observações especiais, e até fatos repletos de humor, como o Obelisco, “que aponta para o céu”, e o Parque das Nações Indígenas, “imenso pulmão verde que pulsa para a cidade”, enquanto metonímias e metáforas reinventam a cidade e palavras são “painéis que cozinham esperanças” na vida que corre pelas ruas.

Certos poemas são extremamente visuais, como “Cabeça de Boi”, em que valoriza os artesãos em uma apropriação dos sentimentos da “Morena

do pó vermelho”, em uma dissecação dos nomes dos lugares para torná-los mais verídicos.

Em recorrência à teoria das correspondências de Baudelaire, mescla em “Avenida Júlio de Castilho” o sabor do frango no espeto ao cheiro do pão quente na hora, como personagens de histórias de desejos.

O trem é a grande metonímia do transitório, de tudo que passou e só deixou saudade. Na roda-viva da nostalgia, perpassam o Museu José Antônio Pereira, a Lagoa do Itatiaia, o Lago do Amor, as ruas que abrigam o infinito, as figuras de Lídia Baís, Conceição dos Bugres, Glauce Rocha, a Índia Elida e Delinha, que deixaram marcas de talento.

Na parte final, em uma referência à vocação de professor, Américo utiliza a prosa para orientar o leitor na visita às partes interessantes da cidade. A leitura adquire feição didática, na recriação de três corredores culturais, que são marcas da história na paisagem da cidade.

Sempre utilizando fotos, ele cria três roteiros: o Corredor das Origens, o da Barão do Rio Branco e o da Afonso Pena, todos acompanhados de mapas ilustrativos. Dessa forma, o leitor continua a viagem pelos recantos da Cidade Morena com um guia turístico, que lhe abrirá as portas dos segredos da cultura de uma cidade de tantos mistérios.

Parabenizo Américo Calheiros pela inteligente e generosa ideia da obra, que merece ser lida por todos que vivem e usufruem das riquezas de Campo Grande. E sugiro que seja adotada nas escolas como parte dos currículos, por tudo de bom, de belo, de útil que oferece ao leitor, que nela encontrará uma fonte de alegria e de prazer.

POESIAS

POETA

Tu ficarás, embora o mundo inteiro Reverta ao caos, e a própria humanidade Regrida ao barbarismo. És o primeiro E, assim, penetrarás a Eternidade.

Porque, sereno em meio à tempestade, Percorrerás altivo o teu roteiro. Se és o arauto do Sonho e da Verdade, Não passarás. Tu ficarás, pioneiro.

E morto, um dia, além desta existência, Sentirás com que força e resistência Teus sonhos, extra-humanos e imortais,

No esquecimento e na tristeza imersos, Refulgirão na opala dos teus versos Como a luz na pureza dos cristais!

ALTEVIR ALENCAR

PIANÓPOLIS

RAQUEL NAVEIRA

Sonhei que caminhava pelas ruas de uma cidade chamada Pianópolis. Era uma cidade colonial, mergulhada entre montanhas, com uma ponte em arco sobre o ribeirão e calçadas com pedras capistranas. Os casarões brancos, de janelas azuis, conservam lampiões que se acendem à noite. Por todo lado, há som de pianos, sombras de cisnes, harmonia de astros. Pautas, claves, colcheias, escalas, notas suas e fortes vagam pelos ares.

Num recanto, perto do chafariz, um homem de fraque dedilha ora Mozart, ora Chopin, ora Beethoven. Balança o corpo. O piano parece vivo. Animal trêmulo, martelado com a força das mãos e dos pedais. Navio no mais assombroso dos oceanos.

Daquela casa grande, vem a música galante de Chiquinha Gonzaga. Amo essa compositora, mulher de talento, determinação e coragem que se destacou na história da cultura brasileira. Chiquinha lutou pelas liberdades no país, foi abolicionista feroz, enfrentou opressões, rebelou-se, abandonou casamento e filhos por suas paixões, sendo a maior delas a música. No meio de desilusões, condenações e desgostos, sobreviveu com unhas e dentes com o que sabia fazer: tocar piano, criar beleza em forma de melodia.

Aproximo-me da janela. Vejo a cabeleira de cachos castanhos presos num laço de fita. É ela, Chiquinha. Tenho certeza. Sentada de frente para o piano de cauda preto, a saia longa de tafetá vermelho.

Primeiro ela toca “Lua Branca”, modinha misteriosa que canta os fulgores e o encanto da lua. Que implora à lua do céu a compaixão e a cura do coração: “Essa amargura de meu peito/ Oh! Vem, arranca.”

Depois, meneando os quadris e o tronco com graça, Chiquinha tange a polca “Flor Amorosa”, que fala da rosa orgulhosa, sensível, que tem prazer em ser beijada porque é flor. Enquanto ouço, a rua fica tomada por um odor de resedá.

De repente, Chiquinha me vê por um espelho da parede. Sorri, brejeira. Começa a tocar o célebre tango “Corta-Jaca”, o mesmo daquele escândalo político que envolveu a primeira dama, Dona Nair de Teffé, esposa do Presidente Hermes da Fonseca. Dona Nair, diante da mais fina elite e dos diplomatas, executou os “requebros da suprema perfeição” do Corta-Jaca. Aquela dança selvagem, sensual, irmã do batuque, do cateretê e do samba penetrou o Salão Amarelo do Palácio do Catete. Foi a alforria da música popular brasileira.

Continuo em sonho meu passeio. Mais sinfonias, mais óperas, mais silêncios, ritmos e compassos. Mistura de elementos, sucessão de estações. Acordes e acordos de alma e corpo. Os timbres variam entre sono, alegrias e lamentações, que relembram antigos cravos e cítaras.

Maestro e maestrina regem a música das esferas em Pianópolis.

(Crônica contida no site www.revista-topvitrine.com.br)

JULIO CESAR DA FONTE NOGUEIRA

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES

Há pessoas que nasceram para ser célebres em vida, e maiores ainda na eternidade. Por isso, nosso grande escritor Guimarães Rosa asseverou, com muita exatidão e lirismo: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

Tanto que a celebridade, ao invés de se esgotar, nesses talentos, a verdade é que aumentam, com o passar dos anos, e, no correr dos tempos, a ponto de plasmar, na história da humanidade, expressões belas e adequadas como esta que segue, tão célebre: “Memento maiores vestrorum”, fruto do gênio romano: “Lembra-vos de vossos antepassados”.

JULIO CESAR, como prenúncio do nome indicava, acompanhou a carreira daquele General Romano famoso no mundo inteiro, inclusive por defender causas populares, dono da célebre frase “Veni, vidi, vici” ou (vim, vi e venci). Nosso Julio ficou conhecido por sua competência, probidade e honradez sempre cultivados durante toda sua vida profissional. Nasceu em São Paulo, em 09/07/1956, na Rua Irmã Úrsula, no bairro Belém-SP, filho de Jayme da Fonte Nogueira e de Maria Jenny da Fonte Nogueira.

Estudou ensino fundamental e médio, com início em 1963 e término em 1973, no Grupo Escolar Dr. Antonio Q. Telles em São Paulo-SP. Curso Direito na Faculdade Metropolitana Unida de 1975 a 1980, na mesma cidade. Casou-se com a bela Magali da Fonte Nogueira em São Paulo e tiveram dois filhos: Giuliana e Paulo Cesar.

Vocacionado para a carreira policial, iniciou seus trabalhos em São Paulo como investigador de polícia, e, já em Mato Grosso do Sul, Estado que adotou para trabalhar, viver, criar seus filhos e netos, tornou-se Delegado de Polícia notável, nomeado em 29/09/1986; foi lotado inicialmente em Aquidauana (Delegacia Central), depois exerceu suas atividades em Água Clara. Na nossa Capital, no Departamento de Polícia da Capital, trabalhou nas Delegacias de Polícia: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª. No Departamento de Polícia Especializada atuou na DEFURV, DERF, DEDFAZ, inclusive ocupando a função de Delegado Titular. Também atuou na Corregedoria do DETRAN/MS. Passou

pelos Departamentos de Polícia DPI e DPC, também como Diretor e da Academia de Polícia Civil, e, a partir da Lei 4.448/2013, em sua homenagem passou a denominar-se Academia de Polícia Civil Delegado Júlio César da Fonte Nogueira.

Foi ilustre Professor da ACADEPOL de Direito Processual Penal, Direito Penal e Legislação específica. Em seu trabalho pela segurança pública demonstrou sempre energia, competência, zelo, probidade e presteza. Nas Unidades Policiais era o primeiro a chegar e o último a sair, cuidando para que tudo estivesse em ordem, e, por vezes ultrapassava os horários, concluindo flagrantes e tomando todas as providências para o encaminhamento do preso, garantindo-lhe as prerrogativas constitucionais pertinentes.

Naquela noite inesquecível, 18/12/12, nosso Dr. Julio, católico fervoroso, desapareceu, vítima de um infarto, deixando sua família, colegas de trabalho e amigos todos perplexos, com imensa saudade no coração e em nossa memória, diante da sua idade jovem, em plena maturidade espiritual e de ideias, com muitos planos, projetos e desejos a incendiar seu coração juvenil, disposto ainda a servir a sua instituição (Polícia Civil).

Evidenciando os méritos da personalidade ora enfocada, podemos repetir a imortal frase dos sábios romanos: SIC ITUR AD ASTRA – “Assim se vai aos astros”.

Assim, jamais conseguiremos esquecer o valioso conselho do eminente escritor francês Emille Zola, segundo o qual devemos todos “Reconstruir, mediante o trabalho e a verdade, um mundo melhor e mais feliz”.

Lembrar-nos-emos de sua figura amável, culta e laboriosa, cheia de riquezas espirituais e culturais, porque cultivar o passado não é um desdouro, mas uma virtude, porque o passado é o presente eterno.

JULIO CÉSAR DA FONTE NOGUEIRA não morreu nem morrerá jamais, pois viverá eternamente em nossos corações.

Na verdade, como proclamou o Pai da Filosofia, o imortal grego Aristóteles: “A GRANDEZA NÃO CONSISTE EM RECEBER AS HOMENAGENS, MAS EM MERECE-LAS”.

A pop-erudição harmoniosa de Geraldo Ramon (ou: Reescutando o CD ‘Porteira de Vara’, de Gê da Viola)

RUBENIO MARCELO – poeta/ escritor e crítico de arte

Estive, neste recente final de semana, reescutando prazerosamente o CD ‘Porteira de Vara’ (de Gê da Viola: Geraldo Ramon Pereira, com participação de Adir Guimarães), que traz 15 composições autorais. Temos neste disco uma agradável diversificação de temas e ritmos, músicas que vão desde o “pagode caipira”, passando pela clássica valsa e chegando à polca, xote, marcha e guarânicas regionais, além dos folclóricos cururu e toada.

De par com a plangente “viola caipira”, este trabalho exhibe acompanhamentos bem dosados, ao tempo em que resgata o que há de autêntica brasilidade na nossa música-caipira-raiz, porém com uma roupagem nova, letras bem resolvidas, sempre buscando evocar a bela tradição e a originalidade.

Homenageando um dos maiores ícones da viola sertaneja de todos os tempos, Gê/raldo abre o CD com a belíssima composição “Alô, Tião Carreiro” e – com trato cordial e reverencioso – exprime: “Amigo Tião Carreiro / De onde você está / Preste atenção, companheiro / Que um pagode eu vou mandar (...)”.

Na faixa nº 2, “Paixão de Caboclo”, o autor emoldura, em ritmo contagiante, a cândida expressão do amor-aconchego que coroa a lida dos que habitam a rotina do campo: “(...) Eu vou chegando, a ansiedade é louca, / Lhe beijo a boca, favo de mel. / Sinto seu cheiro, ela o meu suor, / Explode o amor, fazendo escarcéu! (...)”.

Descrevendo, por meio de vívidas imagens, os dotes sacrossantos da mulher sertaneja perante a paisagem do fascinante alvorecer, a magistral toada “Sublime Despertar” (faixa 3) configura uma pérola de inestimável valor: “A madrugada abre os olhos na montanha, / A passarada canta alegre no arvoredor, / E a cabocla, com cheirinho de mulher apaixonada, / abre um riso de carinho contemplando a alvorada...”.

Em “Vozes da Natureza” (faixa 4), o nosso bardo exalta ciosamente a doce estesia da alma do sertão e preludia a deleitosa dicção da musa-donzela que “tem falar encantado e nem percebe a beleza da voz que a ilumina (...)”.

Embarcando na ferrovia da saudade, o autor viaja pro passado na locomotiva das suas recordações e – assim, em “Maria-Fumaça” (5ª faixa) – sonha com o regresso do trem a vapor que se foi nos trilhos do tempo.

Destacam-se também no CD o cururu “Boiada de Ilusões” (faixa 6), que metaforicamente equipara a sorte humana à de uma manada bovina; “Dois Rincões” (faixa 7), uma valsa dedicada a Maracaju – terra natal de Gê da Viola – e Campo Grande: cidade que acolheu Geraldo Ramon ainda menino; “Porteira de Vara” (faixa 8), que mostra o autor envolto em sólidas reminiscências; “Por te Amar” (faixa 10), cuja letra – glosada em décimas – relembra o estilo dos cantadores repentistas; e “Meu Monjolo” (faixa 13), que é uma das mais solicitadas pelo público.

Temos ainda as faixas “Morena Pantaneira”, “Ilusão da Saudade”, “Boca no Trombone”, “Catando Guavira” e “Bailando em Maracaju” (esta instrumental), todas igualmente aprazíveis. Enfim, cada música um estilo e um enredo; cada composição, uma surpresa gratificante e um deleite especial.

Talentoso violeiro, abençoado pelas musas do parnasos, Geraldo Ramon Pereira é versátil poeta, letrista e compositor, o que lhe outorga passaporte para transitar altaneiro pelas paragens da arte. Vale a pena conferir as atuações deste que faz da música e literatura um hobby sério e consistente, pois é professor aposentado da UFMS, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autor de vários livros publicados, dois CDs e um DVD.

Parabéns, Geraldo Ramon (Gê da Viola): jogral venturoso, épico trovador, preclaro violeiro-irmão-da-poesia, notável bardo-anfitrião-da-cantoria!